



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Núcleo de Desenvolvimento Infantil
Curso de Especialização em Educação Infantil
Campus Universitário – Trindade – Caixa Postal 476
e-mail : especializacao.ufsc.ndi@gmail.com - Fone 3721-8921

GRACIANE NEVES E SÁ CONRADO

EDUCAR E CUIDAR: A INDISSOCIABILIDADE EM QUESTÃO

Florianópolis
2012

GRACIANE NEVES E SÁ CONRADO

EDUCAR E CUIDAR: A INDISSOCIABILIDADE EM QUESTÃO

Artigo submetido ao Curso de Especialização em
Educação Infantil para a obtenção do Grau de
Especialista em Educação Infantil
Orientadora: Prof Mestre Erone Hemann Lanes –
Secretaria Municipal de Educação de Chapecó.

Florianópolis
2012

EDUCAR E CUIDAR: A INDISSOCIABILIDADE EM QUESTÃO

Graciane Neves e Sá Conrado¹

Resumo: Este artigo é resultado do projeto de intervenção realizado em creche municipal, turma de berçário I com nove crianças, faixa etária entre oito e vinte quatro meses, por exigência na conclusão do curso de especialização em Educação Infantil (*lato sensu*). Neste, buscou-se pesquisar os referenciais teóricos já produzidos sobre a indissociabilidade das ações de educar-cuidar, bem como, analisar a intervenção pedagógica desenvolvida no decorrer do ano em uma turma de berçário, por meio das respostas das crianças às atividades organizadas nessa perspectiva. Os registros aqui contidos materializam o que na prática pedagógica do berçário se constrói em constante processo de cuidados educativos que podem possibilitar a formação humana consciente, crítica e participativa.

Palavras-chave: Educação Infantil. Educar-cuidar. Planejamento. Crianças de 0 a 3 anos.

1 UM POUCO DE HISTÓRIA

As reflexões contidas nesse artigo são provenientes do meu trabalho de conclusão do curso de especialização em Educação Infantil (*lato sensu*) realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em convênio firmado com o Ministério da Educação através da Plataforma Freire. O projeto de intervenção realizado teve como objetivo problematizar a indissociabilidade do educar-cuidar na turma de berçário, nas ações diárias, através de planejamento pedagógico, com objetivos claros traçados a partir da realidade das crianças, do conhecimento da atividade principal em cada faixa etária e do direito das crianças ao conhecimento, à expressão, ao movimento, etc.

A intervenção e reflexão sobre a minha prática pedagógica realizou-se em uma turma de berçário, em creche pertencente à rede municipal de educação do município de Bom Jesus/SC, durante nove meses, com nove crianças, utilizando como recursos metodológicos o planejamento, as anotações diárias sobre fatos relevantes, fotos e atividades realizadas pelos alunos.

Para tanto, realizou-se um estudo do histórico da Educação Infantil no Brasil, das concepções que orientam os profissionais, das diretrizes legais e quais fazem parte da

¹ Professora de educação infantil e gestora de ensino fundamental do município de Bom Jesus/SC. Graduada em séries iniciais pela Universidade do Estado de Santa Catarina. *E-Mail:*gracianeconrado@gmail.com. Orientadora professora Ms Erone Hemman Lanes, Prefeitura Municipal de Chapecó. *E-mail:*eronehl@gmail.com.

instituição, possibilitando a compreensão de que as instituições de Educação Infantil de todo o país surgiram com objetivo assistencialista. Nesse contexto histórico, o cuidar e o educar possuíam concepções diferenciadas, como descrito no parecer de Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, homologado em dezembro de 2009,

[...] compreendendo o cuidar como atividade meramente ligada ao corpo e destinada às crianças mais pobres, e o educar como experiências de promoção intelectual reservada aos filhos dos grupos socialmente privilegiados. Para além dessa especificidade, predominou ainda, por muito tempo, uma política caracterizada pela ausência de investimento público e pela não profissionalização da área. (BRASIL, 2009, p. 1)

Após muitos anos de lutas sociais por melhorias na qualidade da Educação Infantil, e dos aportes legais já existentes, uma nova organização e mudança de atitudes faziam-se necessárias e estas se consolidaram com a Lei de Diretrizes e Bases de 1996, que define a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, tendo como finalidade “o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físicos, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Lei nº 9.394/96, art. 29).

Baseadas nessa lei a minha presença como pedagoga, na instituição, era legal, mas a organização pedagógica da mesma precisava ser melhorada. Os conceitos norteadores, o planejamento das ações pedagógicas, os tempos e espaços precisavam ser revistos visando respeitar as etapas de desenvolvimento da criança e atendimento aos seus direitos fundamentais, possibilitando o desenvolvimento da autonomia e identidade destas, enquanto sujeitos capazes, ativos e possuidores de sua própria história.

Nesse sentido, algumas mudanças ocorreram na instituição e as orientações para o trabalho pedagógico na creche passam a considerar outros aspectos pautados no pressuposto de que:

Cada criança apresenta um ritmo e uma forma própria de colocar-se nos relacionamentos e nas interações, de manifestar emoções e curiosidade, e elabora um modo próprio de agir nas diversas situações que vivencia desde o nascimento. (BRASIL, 2009, p.07)

Portanto, cada realidade deve ser atendida de acordo com as individualidades das crianças, respeitando seus desejos, seu ritmo de desenvolvimento e seus direitos.

2 REALIDADE ALIADA À TEORIA

Como professora da área, vivencio há quatro anos tal realidade na creche em que atuo como pedagoga, na turma de berçário I, faixa etária de oito a vinte e quatro meses. Resido em um município interiorano, com aproximadamente três mil habitantes e trabalho na creche desde a sua inauguração.

No decorrer desses anos enfrentei muitas dificuldades com as famílias das crianças, comunidade e até mesmo com colegas de trabalho que possuíam uma visão somente assistencialista acerca do trabalho realizado na instituição. As monitoras não habilitadas, muitas vezes, realizavam intervenções inadequadas no trabalho pedagógico com as crianças e com as respectivas famílias. As turmas inicialmente não eram divididas por faixa etária, fato que dificultava o trabalho tornando-o, muitas vezes, confuso.

Em minha atuação buscava os materiais do magistério que me habilitou em Educação Infantil e, mesmo com dificuldades, procurei comprovar para a comunidade escolar e para as famílias das crianças que o professor exerce um papel educativo essencial associado também aos cuidados diários, por meio da prática alicerçada em uma concepção de criança considerada como sujeito inserido no contexto sociocultural, econômico e histórico em que vive.

Ao iniciar o curso de pós-graduação, especialização em educação infantil, percebi que a base do trabalho pedagógico é o planejamento intencional das atividades pautadas nos estudos teóricos sobre a educação infantil.

Um bom planejamento das atividades educativas favorece a formação de competências para a criança aprender cuidar de si. No entanto, na perspectiva que integra o cuidado, educar não é apenas isso. Educar cuidando inclui acolher, garantir a segurança, mas também alimentar a curiosidade, a ludicidade e a expressividade infantis. (BRASIL, 2009, p.10)

Para realizar um planejamento adequado, entre outros aspectos procuramos entender o que é educar numa turma de berçário, passando a compreender que:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL, 1998, p. 23)

Para isso, o profissional da educação que atua junto a este público tão pequeno precisa comprometer-se com as atitudes educativas indissociadas do cuidado diário necessário, estabelecendo vínculos entre o educar e cuidar que possibilitem a criança progressivo desenvolvimento. A simples atitude de observação da maneira como a criança gosta de dormir, de se alimentar, cuidados com as roupas adequadas ao clima e as mudanças de temperatura no mesmo período do dia, entre outras, combinem no atendimento às necessidades de cuidado, respeito e estímulo à aprendizagem, inserindo a criança ao universo social que a cerca. Em acordo com Ortiz (2007):

Esse mundo social é aprendido pelas crianças pequenas por meio das interações fundamentais e, por que não dizer, vitais quando se trata do bebê humano. [...] O bebê que frequenta a creche precisa de muitos cuidados. Ele precisa ser alimentado no colo, olho no olho, como se fosse o único naquele grupo. Precisa saber que alguém se preocupa com ele e concentra-se nele. Precisa ter suas fraldas trocadas sempre que estiver em desconforto, pois para o bebê o corpo e a mente estão muito próximos, o alívio físico é identificado como alívio mental. Enfim, a criança só vai aprender a cuidar de si mesma e dos outros se puder vivenciar cuidados cotidianos de qualidade. (ORTIZ, 2007, p.12)

Processos tidos como simples, realizados espontaneamente pela maioria das pessoas em casa com os bebês, quando planejados pelo professor tem intervenção imediata no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, como, por exemplo, brincar com objetos sonoros, utilizar brinquedos macios para morder, arremessar, bater, balançar, empilhar.

Os bebês apresentam processo biológico de desenvolvimento muito rápido, percebendo-se diferenças em uma mesma semana. O professor precisa incentivar a criança e dar condições para que esta possa comer alimentos diferentes, sentar inicialmente com apoio e depois sozinha, engatinhar, caminhar, correr, subir, descer, brincar de faz de conta, desenvolver atenção, percepção e capacidades motoras.

Faz-se necessário que essa relação seja rica afetivamente, pois o afeto é o processo central responsável pela unidade das funções sensoriais e motoras nesse período. Portanto, as famílias e os educadores devem oferecer atenção necessária à criança, satisfazendo suas necessidades e desejos, sendo que:

Embora dependente do adulto para sobreviver, a criança é um ser capaz de interagir num meio natural, social e cultural desde bebê. A partir de seu nascimento, o bebê reage ao entorno, ao mesmo tempo em que provoca reações naqueles que se encontram por perto, marcando a história daquela família. Os elementos de seu

entorno que compõem o meio natural (o clima, por exemplo), social (os pais, por exemplo) e cultural (os valores, por exemplo) irão configurar formas de conduta e modificações recíprocas dos envolvidos. No que diz respeito às interações sociais, ressalta-se que a diversidade de parceiros e experiências potencializa o desenvolvimento infantil. (BRASIL, 2006, p.14).

Dessa concepção de criança, derivam-se alguns aspectos que podem ser apontados como fundamentais no trabalho pedagógico das instituições infantis. Ou seja, as relações dos educadores com as famílias devem ser de confiança, de respeito mútuo e de conhecimento. A escola deve ser o melhor lugar para a educação dessas crianças por possibilitar intencionalmente as condições físicas e pedagógicas com olhar atento do professor. Para Mello (2007), essas ações estão pautadas no:

[] conjunto dos estudos desenvolvidos sob a ótica histórico-cultural aponta como condição essencial para essa máxima apropriação das qualidades humanas pelas crianças pequenas o respeito às suas formas típicas de atividade: o tateio, a atividade com objetos, a comunicação entre as crianças, e entre elas e os adultos, o brincar. (MELLO, 2007, p.85)

Até mesmo o brincar neste processo, pode ser visto, portanto, como base sobre a qual se desenvolvem o espírito construtivo, a imaginação, a faculdade de sistematizar e abstrair, a capacidade de interagir socialmente, abrindo caminho para o desenvolvimento do trabalho, da ciência e da arte. É preciso que os familiares estejam conscientes de que além do brincar na escola, é muito importante que eles também brinquem com os filhos. Ousa-se dizer que brincar é a alma do negócio; você brinca com seu filho ou seu aluno e vê, dia-a-dia, as mudanças preciosas que ocorrem, principalmente quando se trata de crianças pequenas, no auge de sua infância. Mas tais diferenças e crescimentos só são visíveis aos olhos do observador.

[...] a criança que surge da observação e da teoria que a vê como um ser histórico-cultural é, desde muito pequena, capaz de explorar os espaços e os objetos que encontra ao seu redor, de estabelecer relações com as pessoas, de elaborar explicações sobre os fatos e fenômenos que vivencia. (MELLO, 2007, p. 90)

Considerando que os bebês não apresentam linguagem oral, não consegue coordenar seus gestos e demonstrar seus desejos de maneira clara, sabemos que suas formas de expressão são o choro e o riso. Nesse período de vida, as crianças apresentam, segundo Vigotski (2001), três estágios: o período de passividade, o de recepção passiva e o de

recepção ativa. Passam a fazer uso da linguagem autônoma e no processo de desenvolvimento passa usar linguagem autêntica.

Estes fatores se constituem na característica emocional de maior importância para percebermos a evolução das interações da criança com o adulto mediador, com os colegas e com o espaço, pois de acordo com Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento (La Taille, 1992). Para este pensador, a emoção ocupa o papel de mediadora. O processo de desenvolvimento infantil se realiza nas interações, que objetivam não só a satisfação das necessidades básicas, como também a construção de novas relações sociais, com o predomínio da emoção sobre as demais atividades. As interações emocionais devem se pautar pela qualidade, a fim de ampliar o horizonte da criança e levá-la a transcender sua subjetividade e inserir-se no social.

A reflexão sobre minha própria prática, após o percurso realizado no curso de Especialização em Educação Infantil levou-me à construção do projeto de intervenção e a organização dos tempos-espacos que possibilitaram a intencionalidade segura e condizente com as reais necessidades e direitos das crianças. Estas ações educativas devem ter significação para todos e estão associadas ao cuidar e educar diário, que é o atendimento às necessidades básicas e aos direitos da criança em cooperação com profissionais diversos.

3 VIVÊNCIAS SIGNIFICATIVAS

Na turma de berçário a dependência que os bebês têm dos adultos é maior que nas outras turmas, dessa forma as relações afetivas são mais desenvolvidas, a professora e as monitoras sabem que a comunicação não é verbal e que os bebês necessitam que suas manifestações sejam identificadas. Estabelecem essa relação necessitando que os adultos sejam capazes de atendê-los, até que adquiram autonomia para cuidarem de si mesmos.

Esses aspectos expõem de forma mais evidente a necessidade da relação indissociável do educar e cuidar contemplados no planejamento. Assim, para que as atividades tenham intencionalidade, sejam organizadas dentro do espaço e tempo necessários para possibilitar o pleno desenvolvimento dessas crianças é importante que a professora possua clareza acerca das concepções envolvidas nesse processo educativo. Para tanto:

Educar de modo indissociado do cuidar é dar condições para as crianças explorarem o ambiente de diferentes maneiras (manipulando materiais da natureza ou objetos, observando, nomeando objetos, pessoas ou situações, fazendo perguntas, etc.) e

construírem sentidos pessoais e significados coletivos, à medida que vão se constituindo como sujeitos e se apropriando de um modo singular das formas culturais de agir, sentir e pensar. Isso requer do professor ter sensibilidade e delicadeza no trato de cada criança, e assegurar atenção especial conforme as necessidades que identifica nas crianças. (BRASIL, 2009. p. 10)

Dessa forma, o trabalho na creche exige, além de organização, afeto e dedicação, extrema atenção aos acontecimentos, as reações das crianças, as evoluções das mesmas ou reações incomuns.

Nesse sentido, o planejamento do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor torna-se imprescindível para alcançar os objetivos desejados com o grupo e individualmente com cada criança. Através do planejamento flexível, que tenha como pressuposto que imprevistos ocorrem e que, muitas vezes, surgem outros focos de interesses momentâneos, o professor, mesmo valorizando outros acontecimentos diversos, evita o imprevisto, foca-se nas ações educativas mesmo nos momentos de cuidado. Sem planejamento essas ações educativas do cuidar parecem inexistentes, como também as ações de cuidado nos momentos que parecem ser somente educativos.

Optei por discutir nesse artigo o processo indissociável de educar e cuidar nos momentos que as pessoas interpretam como puramente pedagógicos, os momentos de contação de histórias, de brincar com objetos, de cantar, de pintar, de faz de conta. Ou até mesmo de jogar bola, brincar de casinha, correr, pular, mexer na água, brincar na areia e no parque, compreendidos muitas vezes como brincadeiras “livres”, sem intenção pedagógica e sem preocupação com cuidados básicos.

Tais momentos estão repletos de intenções pedagógicas ao mesmo tempo em que precisam estar cercados de cuidados gerais e necessários ao desenvolvimento integral dessas crianças.

Este brincar que se utiliza de modo didático no cotidiano da creche faz parte da vida do indivíduo, e deve-se aproveitar esta oportunidade para melhor desenvolvê-lo e conhecer as crianças e suas reais necessidades, pois a criança já é uma cidadã e “só vendo a criança por inteiro, como pessoa envolvida em outras tantas atividades que não a lúdica, é que podemos entender melhor seus jogos e brincadeiras” (ANDRADE, in OLIVEIRA, 1996, p.99). Desta forma, concorda-se que:

A brincadeira infantil constitui uma situação social onde ao mesmo tempo em que há representações e explorações de outras situações sociais, há formas de relacionamento interpessoal das crianças ou eventualmente entre elas e um adulto na situação, formas estas que também se sujeitam a modelos, a regulações, e onde

também está presente a afetividade: desejos, satisfações, frustrações, alegria, dor. (OLIVEIRA, 1988, p.110)

Assim, pode-se dizer que a criança que vivencia as possibilidades oferecidas por um jogo ou brincadeira consegue compreender melhor seu papel na sociedade e apreender conhecimentos necessários para desenvolver-se em plenitude. Não há como transformar este todo em situações indissociáveis, pois ela dá informações e aprende de uma forma prazerosa a trabalhar com suas relações interpessoais e intrapessoais em relação ao grupo de convivência, independente de sua idade.

Desse modo, a intervenção pedagógica permeada de coerência e planejamento possibilita desde a adaptação da criança ao espaço físico e as pessoas que estão com ela até seu desenvolvimento completo. O professor conhece e age de modo adequado intervindo de maneira precisa de acordo com as necessidades e direitos de cada uma. Muitas vezes as intervenções podem parecer simples ou comuns, mas pensadas de acordo com a necessidade e os direitos de cada criança, pode possibilitar a ela seu rápido e pleno desenvolvimento.

Certo dia, espalhei no colchão animais de borracha (leão, gato, cavalo, porco, pato, pintinho, cachorro), reproduzindo em seguida os sons de cada animal. As crianças rapidamente procuraram reproduzir os sons também, no mesmo momento, eu imitava os sons para os bebês olhando nos olhos deles e mostrando o animal que eu imitava.

Os bebês estavam sentados nos encostos² em roda, no colchão. Questionei as crianças, mostrando o leão de borracha, se tinham esse animal na sua casa? Qual o som que ele produz? O que ele come? Onde ele vive? Logo depois peguei o gato, realizei o mesmo questionamento que havia feito sobre o leão; após eles terem respondido que o gato vive na casa com as pessoas, come ração, conversamos sobre a diferença dos animais domésticos e animais ferozes e nocivos (podem machucar e até matar).

Todas as crianças gostam de brincar com os animais da fazenda. Organizei a cerca, o curral, a “casa para dormir”, sempre questionando o que iremos fazer, por que fazer isso e para que serve. As crianças, como sempre com as respostas rápidas: “não fugi, precisa cama, briga.” Assim continuo minha intervenção enquanto eles demonstravam interesse pela atividade.

A brincadeira simbólica é uma atividade na qual os objetos são utilizados como suporte para o diálogo com a criança. Tal diálogo abrange questões sobre o nome da

² Produzidos com calça de algodão preenchida com fibra, costurada no cóis, os bebês ficam sentados no meio dessas pernas, apoiados nas costas e nas laterais.

brincadeira, dos objetos utilizados e sua serventia – evocações provocadas a partir das colocações que vão sendo feitas - até a discussão sobre tópicos variados. Desse modo, pode-se favorecer o desenvolvimento da atividade representativa em seus aspectos simbólico e linguístico. (SEBER apud HOFFMANN, 2011, p.24)

Os brinquedos ao serem adquiridos, devem ser observados cuidadosamente para não conterem peças pequenas que soltem, não oferecendo assim risco de serem engolidas. Os brinquedos de borracha, são de fácil manuseio e higiene.

A simples oferta de certos brinquedos já é o começo do projeto educativo - é melhor do que proibir ou sequer oferecer. Porém, a disponibilidade de brinquedos não é suficiente. Na escolha e na proposição de jogos, brinquedos e brincadeiras, o educador coloca o seu desejo, suas convicções e suas hipóteses acerca da infância e do brincar. O educador infantil que realiza seu trabalho pedagógico na perspectiva lúdica observa as crianças brincando e faz disso uma ocasião para reelaborar suas hipóteses e definir novas propostas de trabalho. Não se sente culpado por esse tempo que passa observando e refletindo sobre o que está acontecendo em sua sala de aula. (MOYLES, 2002, p. 123).

Brincamos de imitações até o momento do café da manhã. Realizamos a higiene das mãos antes de sentar à mesa. Para lavar as mãos as crianças sobem sobre uma cadeirinha com auxílio da professora ou da monitora para poderem alcançar a torneira e a cuba. Os maiores abrem e fecham a torneira e um deles aponta o porta-papel-toalha e fala “seca”.

Nesse momento de higiene das mãos é preciso tomar cuidado, pois como as crianças ainda são pequenas as vezes se desequilibram e podem cair, portanto não é oportunizado as crianças que subam e desçam sem auxílio.

Enquanto se realizavam as trocas, estávamos em roda com quem caminha e os bebês sentados apoiados no colchão, observando, aprendendo a bater palmas, balançar, alguns balbuciando. Todos estavam envolvidos na atividade, então cantamos as cantigas: atirei o pau no gato, galinha pintadinha, o sítio do seu Lobato. Após cantarmos e brincarmos de roda com as músicas e as onomatopéias, contei a história “O Sítio do Seu Lobato” e fomos imitando os sons. Todos sentam em roda, alguns no tapete outros no colchão. As crianças menores participam, querem pegar o livro, se envolvem com os animais de borracha sobre o colchão, logo voltam a participar. Os maiores escutam a história com atenção, reproduzindo o som dos animais junto comigo, colocando o dedinho no livro para mostrar onde está o animal ao qual faço referência.

Quando se trabalha com esse tipo de material é necessário ter cuidado para que a mão das crianças não esteja suja e que após o término da atividade as mãos sejam lavadas para que elas não coloquem na boca bactérias invisíveis que poderiam estar no livro.

Cantamos algumas cantigas sobre animais, os maiores dançam, batem palmas, os menores se movimentam, se balançam, participam ativamente. Algumas vezes eles pedem para repetir o que mais gostam “sapo”, “gato”.

Geralmente enquanto fazemos alguns bebês que estão com sono dormirem, as outras crianças brincam no colchão ou com os materiais dispostos pela sala. Nesta data, estavam brincando com os animais de borracha, imitando sons, carregando no caminhão, empilhando, colocando sobre os dados de tecido, colocando-os embaixo das camas, uma das crianças pronuncia “casa, noite”, então a professora completa “está noite e eles precisam entrar em casa”. Uma criança pega uma boneca e começa a embalar e cantar para ela, num gesto de imitação das nossas ações, realizando assim um jogo simbólico, parte muito importante no processo de aprendizagem para esta idade, pois

O poder do jogo, de criar situações imaginárias permite à criança ir além do real, o que colabora para o seu desenvolvimento. No jogo a criança não é mais do que é na realidade, permitindo-lhe o aproveitamento de todo o seu potencial. Nele a criança toma iniciativa, planeja, executa, avalia. Enfim, ela aprende a tomar decisões, a introjetar o seu contexto social na temática do faz de conta. Ela aprende e se desenvolve. O poder simbólico do jogo do faz-de-conta abre um espaço para a apreensão de significados de seu contexto e oferece alternativas para novas conquistas no seu mundo imaginário. (KISHIMOTO, 1998, p. 26)

Colocamos as crianças que dormiram, então entramos fisicamente na brincadeira de faz-de-conta que já participávamos oralmente, assim, eu e uma das monitoras fomos até o pátio com as crianças maiores para observarmos os animais e ouvir os sons que produziam.

Em pouco tempo observaram os pássaros e apontavam dizendo “olha” e fazendo sinal de silêncio, nesse momento um cachorro passava na rua, eles imitavam os sons em tons diferentes (cachorro grande e o cachorro pequeno, diziam eles). Nesse momento além de incentivar a fala, o reconhecimento de animais que andam, voam, sons que produzem, são questionados quanto a estarem em grupo ou sozinhos, suas cores.

Como estávamos no pátio, cercado com tela, grama aparada, com sombra, as crianças demonstraram interesse em andar, correr, engatinhar, brincar de pega; aproveitamos então para incentivar o andar dos que estão iniciando esse processo; para desenvolver noções espaciais, equilíbrio e coordenação motora ampla com todos. A outra monitora permaneceu na sala com as crianças que dormiam e a reorganizou a mesma nesse momento.

Esse pátio fica ao lado da creche, nele tem uma casinha e uma caixa com areia, na brincadeira precisamos tomar cuidado para que as crianças não se batam na quina da caixa, somente uma delas fica exposta, as outras laterais ficam encostadas na tela oferecendo menos risco.

Várias atividades calmas são realizadas, dentre elas a brincadeira com massa de modelar³ confeccionando animais, em uma mesa de acordo com a estatura dos mesmos, disponível na sala. As crianças menores sentam nos cavalinhos de vime, (uma espécie de bebê conforto) e também participam da brincadeira. Quando cansam são colocados no chão de bruços com alguns animais fora de seu alcance, com objetivo que a criança comece o processo de engatinhar. Uma criança que já caminha agarrada é incentivada a ir buscar animais dispostos em locais estratégicos, aos quais ela pudesse chegar agarrando-se aos berços. Para proporcionar esse momento é necessário que a sala de aula esteja limpa, somente dispostos no chão os brinquedos a serem usados, em número suficiente, em locais que não ofereçam riscos de as crianças caírem.

Todos os dias, ao chegar à sala, dou atenção a todas as crianças, primeiro no grupo e depois individualmente. Motivei os maiores, que já caminham, a cantar e fazer gestos na roda em pé e a brincar de trem, enquanto os pequenos, sentados no colchão batiam palmas e os que não possuem essa coordenação eram auxiliados pelas monitoras a realizarem o movimento das palmas.

Após a chegada, organizamos as crianças na mesa e nas cadeiras e fomos distribuindo o café, preparado por uma das monitoras na sala. O que me chamou atenção foi o fato de uma criança reclamar, pois sua bolacha havia acabado. Uma das crianças maiores imediatamente levantou e alcançou a fatia de pão que estava comendo para o menor. Voltou até sua cadeira e pediu apontando para o pão “outro”. Quando questionado onde estava a sua fatia de pão, ele apontou com o dedo para o colega. Questionado novamente o porquê ele tinha feito isso, respondeu “tinha fome”. Então ele recebeu outra fatia de pão e o colega outra bolacha.

Posteriormente foi realizada a higiene das mãos e da boca. Como o dia estava quente, os que estavam mais vestidos foram trocados, possibilitando a satisfação de uma necessidade básica que interfere no desenvolvimento da criança. Fomos brincar no pátio, parando em frente a um barranco, um declive com grama, onde as crianças tentavam subir e descer. No início com nosso auxílio, depois os maiores já conseguiam brincar sozinhos e chegavam cada vez mais longe. Eles subiram, desceram, escorregaram, correram.

³ Massinha produzida com leite em pó, açúcar, leite de coco e corante, feita com os alunos, portanto comestível.

Na mesma semana, levamos um papelão grande para voltarmos ao mesmo local escorregar. O papelão foi dividido em dois pedaços e as crianças em duas equipes de quatro componentes; gritaram, riram, rolaram na grama, no início os maiores não queriam esperar a vez, depois entenderam que todos iriam brincar e que era rápido para chegar a vez de cada um. Andamos um pouco mais pelo pátio, então convidamos as crianças para voltarmos para a sala. Imediatamente, eles, por conta própria retornaram, tentaram abrir o portão para entrar, conseguiram com auxílio da monitora.

Todos os dias as crianças recebem o lanche de frutas aproximadamente as onze da manhã, após um desses lanches, brincamos com balões coloridos nomeando as cores, jogamos para o alto e falamos que não poderiam deixar cair no chão, então eles corriam, gatinhavam, subiam, desciam, tentando pegar os balões outros ficaram com medo do barulho do balão que estourou, começaram a chorar, foram consolados pela professora e monitora e incentivados a sentarem na piscina de bolinhas, jogando as mesmas para fora e após para dentro da piscina. Para realização dessa atividade os brinquedos e móveis devem ser afastados para as laterais, o chão deve ficar limpo de qualquer objeto que possa oferecer risco, possibilitando livre circulação das crianças. Os resultados são ótimos, muita diversão, envolvimento na atividade, cumplicidade, pois, todos queriam participar da sua maneira.

Em outro momento, disponibilizei no tapete algumas gravuras de brinquedos de parque e os maiores já reagiram:

- “parque”

Afirmar que naquele dia iríamos ao parque após o café da manhã.

As brincadeiras realizadas neste local foram muito significativas. As crianças com um ano e meio conseguiram subir seis degraus de escorregador, esperando sua vez de apoiar-se na mão da monitora para descer, respeitando a vez do colega e pedindo para ajudarmos, com a expressão: “ajuda”, apontando para o colega menor que ainda tinha dificuldade devido a altura dos degraus.

Chamou nossa atenção a atitude da aluna que tentava sentar no balanço sozinha. Quando o balanço ia para trás ela puxava novamente em sua direção, repetindo várias vezes até indicar com o dedo para a monitora que perguntou o que ela desejava. Ela colocou a mão da monitora no balanço e sentou. Em poucos minutos levantou, pois já havia conseguido o que desejava.

Para levarmos as crianças até o parque primeiramente conferimos a segurança dos brinquedos, se estavam bem afixados, sem pontas ou ferrugem que pudesse ser colocada na

boca ou cortá-los, se a grama estava aparada e a areia sem sujeiras. Esses cuidados são repetidos cada vez que os levamos ao parque.

No pátio, com todos, brincando na caixa de areia com pá, balde, carrinho para carregar e descarregar, carregadeira, concha que permite fazer uma estrada para os carros transitarem, imitamos com as crianças seu cotidiano e outras ações desconhecidas, mas que fazem parte da realidade. As crianças menores sujam-se com areia, podem senti-la no seu corpo, arremessam, levam a boca, por isso é necessária muita atenção nessa fase de levar os objetos a boca.

Toda atividade realizada com embasamento teórico, objetivo, planejamento ou mesmo as rotineiras, se realizadas com amor, carinho e atenção são de extrema importância para as crianças. De acordo com Queiroz (2002), crianças com aproximadamente 0 a 2 anos caracterizam-se pela descoberta do tato, movimento, formas, pesos, texturas, sons. Começa a engatinhar e andar apresenta melhora da coordenação motora com movimentos exploratórios de abrir, fechar, empilhar, encaixar, puxar, empurrar, e sua comunicação gestual e verbal com os demais. Para crianças nesta faixa etária, recomenda-se que sejam desenvolvidas atividades como brincadeiras referentes à educação sensório-motora (sentir/executar), e que desenvolvam a exploração motora, o canto, brincar de esconder e achar. Cantinhos envolvendo números, nomes e letras já podem ser atrelados às atividades do dia-a-dia destas crianças. Ou seja, as atividades sempre possuem um planejamento com cunho teórico, mesmo que as crianças sejam muito novinhas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de leituras feitas sobre pesquisas na área de Educação Infantil, sei que em muitas creches a realidade é outra,

Às crianças [de nossas creches] não é dado o direito de pedir colo, sujar-se, brincar com água (porque dá bronquite), brincar na areia (porque dá alergia), acordar antes do tempo, quebrar brinquedos, fazer barulho. O que elas podem ou não fazer é definido pelo adulto e essas decisões estão a serviço da rotina e do conforto das pessoas que aí trabalham, mesmo que inconscientes do seu significado e do autoritarismo nelas subjacentes (BUJES apud HOFFMANN, 2011, p.9).(colchetes meus).

Não vou negar que também realizei anteriormente algumas ações de privações dos momentos de brincadeiras, por falta de segurança e até mesmo de conhecimento sobre a

importância das mesmas, Algumas vezes fui influenciada por familiares das crianças, outras por conceitos que eu havia formado.

Mas vejo que a brincadeira é coisa séria, pois através dela a criança se reequilibra, recicla suas emoções e sacia sua necessidade de conhecer e reinventar a realidade. É brincando que a criança vai interiorizando o mundo que a cerca, na troca com o outro, vai se constituindo sujeito humano. As brincadeiras permitem às crianças identificar, classificar, agrupar, ordenar, seriar, simbolizar, combinar e estimular, e, ao mesmo tempo, desenvolvem a atenção, a concentração, melhorando a expressão corporal, a postura e desenvolvendo a psicomotricidade.

Atualmente, procuro permitir que as crianças experimentem, testem seus limites e com nosso auxílio progridam no seu desenvolvimento. Procuro respeitar a criança proporcionando à ela experiências ricas e desafiadoras que realmente a façam aprender e se desenvolver integralmente.

Visualizo as ações indissociáveis do educar cuidar nessa faixa etária como essenciais pois nenhum ser humano realiza ações de educação sem planejamento adequado e sem cuidados, e quando educamos implicitamente cuidamos os seres, humanizamos para serem ativos e participativos ou para a submissão; formamos os futuros cidadão e governantes do país que refletem no seu modo de ser e estar as vivências e interações que o formaram cidadão.

Para possibilitar essa formação do indivíduo, é importante que o professor procure realizar muitas leituras e no meu caso elas foram possibilitadas no curso de pós-graduação, várias dúvidas foram esclarecidas pelos profissionais que ministraram as aulas e a prática pode ser melhorada. Os profissionais precisam conhecer o processo de desenvolvimento das crianças, respeitar seus direitos e suas necessidades básicas para realizar um bom trabalho. Precisa principalmente compreender que:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL, 1998, p.23).

Pois educamos crianças desde o momento que nascem, educamos e nos reeducamos em cada ação cotidiana, educamos e somos educados através das relações que desenvolvemos.

5 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cyrce M. R. Junqueira de. **Vamos Dar a Meia-Volta, Volta e Meia Vamos Dar: o Brincar na Creche.** In OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de. (Org.). **Educação Infantil: muitos olhares.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 1996, p.69-106.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil,** Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho nacional de Educação básica. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil.** Brasília: Parecer CNE/CEBN, 20/2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional.** Dispõe sobre as diretrizes da Educação Nacional. Brasília, DF:MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a educação Infantil.** Brasília, 2006.v.1-2.

HOFFMANN, Jussara. SILVA, Maria Beatriz G. **Ação Educativa na Creche.** Porto Alegre: Mediação, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos infantis: O jogo a criança e a educação.** 5 ed. Petrópolis,RJ: Vozes,1998.

LA TAILLE; OLIVEIRA, M.K; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** 13.ed. São Paulo: Summus, 1992.

MELLO, Suely Amaral. **PERSPECTIVA,** Florianópolis, v. 25, n. 1, 83-104, jan/jun. 2007 87-88 disponível em <http://www.perspectiva.ufsc.br>, acesso 12/2011.

MOYLES, Janet R. **Só brincar? O papel do brincar na Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2002;

ORTIZ, Cisele. O papel do professor de crianças pequenas. **Revista Pátio: Educação Infantil,** Curitiba: Artmed editora, ano V, n. 13, p.10 -13, mar/jun 2007.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de. **Jogos de papéis**: uma perspectiva para a análise do desenvolvimento humano. Tese de doutoramento. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1988.

QUEIROZ, Tânia Dias; MARTINS, João Luis. **Pedagogia Lúdica**: Jogos e Brincadeiras de A a Z. São Paulo: Rideel, 2002.

VIGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.